Socialismo ou capitalismo:

Qual o mais adequado para o enfrentamento da crise ambiental, segundo Hans Jonas?

Moisés Aloisio de Sennes Salvador[1]

RESUMO

Pretende-se, neste artigo, analisar a compreensão de Jonas sobre o marxismo e apontar quais são as vantagens que este modelo político-econômico possui em comparação com o modelo liberal/capitalista em um cenário de enfrentamento da crise ambiental. Para Jonas, embora a tecnologia possua grande relevância para ambos os modelos econômicos, o socialismo teria alguma vantagem no que diz respeito à capacidade de agir por meio de sacrifícios a fim de conduzir para o bem comum e, nesses termos, estaria mais apto à imposição de freios voluntários sobre o contínuo poder da tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE

Socialismo; Marxismo; Capitalismo; Crise Ambiental; Hans Jonas.

[1] Mestrando em Filosofia Política e Ética pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: 2159702025982338. E-mail: moises.sennes@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-4326-1254.

Socialism or capitalism:

Which is more adequate for confronting the environmental crisis according to Hans Jonas?

ABSTRACT

This article aims to analyze Jonas's understanding of Marxism and to highlight the advantages that this political-economic model holds in comparison to the liberal/capitalist model in the context of addressing the environmental crisis. According to Jonas, although technology plays a significant role in both economic systems, socialism would have certain advantages regarding its capacity to act through sacrifices directed toward the common good and, in these terms, would be better prepared to impose voluntary restraints on the continuous power of technology.

KEYWORDS

Socialism; Marxism; Capitalism; Environmental Crisis; Hans Jonas.

Recebido: 24/11/2025
Aceito: 15/08/2026
Publicado: 11/11/2026

DOI: https://doi.org/10.59780/kelg6400

Introdução

Primeiramente, é necessário destacar que Jonas não foi marxista, tampouco defendeu o modelo econômico proposto por Marx e Engels. Pelo contrário, o filósofo se posiciona de forma bastante crítica em relação às ideias e propostas marxistas, especialmente no que diz respeito à tecnologia e à concepção de desenvolvimento. O que Jonas propõe, em *Das Prinzip Verantwortung: Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation* [*O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*] (1979), é uma reflexão sobre a vantagem que o marxismo pode apresentar, em comparação ao modelo capitalista, no enfrentamento da crise ambiental. A análise de Jonas leva em conta, assim, a polarização de seu tempo, devido à chamada "guerra fria", que opunha os países socialistas e os capitalistas.

Diante do que ele chama de "*vontade* de ilimitado *poder*" (Jonas, 2013, p. 34) por parte da tecnologia, Jonas identifica a necessidade de um "poder de terceiro grau" (2006, p. 237), capaz de frear o processo descontrolado de avanço tecnológico. O filósofo observa, no marxismo, uma tentativa de enfrentamento a essa dinâmica, principalmente pelo fato de o sistema comunista não estar sujeito aos conflitos de mercado, o que, segundo Jonas, poderia contribuir para reduzir a busca por uma inovação ininterrupta em direção ao desconhecido.

A tecnologia, portanto, torna-se um elemento central em ambos os modelos: no capitalismo, funciona como instrumento de manutenção do poder; no marxismo, como meio de conquistá-lo. Desse modo, independentemente do modelo econômico em que esteja inserida, é possível afirmar que a tecnologia se apresenta como expressão de poder, opondo-se diretamente à natureza. Nesses termos, a "utopia do progresso tecnológico" (Oliveira, 2023, p. 164) se contrapõe aos limites dos bens naturais, de forma que tal utopia não pode se sustentar a longo prazo.

O que chama a atenção no período atual é a urgência de responsabilidade que a situação exige. A tecnologia continua avançando e, com esse avanço, os problemas se agravam ainda mais: o mundo pede socorro. Assim, "depois de quase cinco séculos de exploração desmedida da natureza por meio da tecnologia, a emergência climática dá evidências da gravidade dos fatos, representando um apelo ético de tipo inédito" (Souza *et al.*, 2025, p. 106). Dessa maneira, torna-se necessário que a vida humana adote novos modelos econômicos capazes de frear o contínuo progresso tecnológico, a fim de tornar possível uma existência de qualidade, humana e extra-humana. Mais além, evocando o próprio Jonas (2006), trata-se de garantir também uma vida digna para aqueles que habitarão a terra no futuro.

Como o marxismo pode enfrentar a crise ambiental

No capítulo 5 da obra *O princípio responsabilidade*, cujo título é *A responsabilidade hoje: o futuro ameaçado e a ideia de progresso*, Jonas busca demonstrar como a tecnologia assumiu, na modernidade, um ritmo inédito, cujo objetivo é expandir-se e manter o poder sobre a natureza e o próprio ser humano.[2] Jonas afirma que: "o poder tornou-se autônomo, enquanto sua promessa transformou-se em ameaça e sua perspectiva de salvação, em apocalipse" (2006, p. 237). A promessa tecnológica de proporcionar um futuro melhor revela-se, na prática, como um risco iminente para o planeta, uma vez que as reservas naturais são exploradas ininterruptamente até o esgotamento. As promessas que acompanham o desenvolvimento tecnológico apresentam características utópicas, como a cura da morte,[3] o melhoramento genético e a colonização de outros planetas. Portanto, "torna-se necessário agora, a menos que seja a própria catástrofe que nos imponha um limite, um poder sobre o poder" (Jonas, 2006, p. 237).

Jonas apresenta três graus de poder. O primeiro grau "se mostra voltado para um mundo que parecia inesgotável" (2006, p. 237). Nesse estágio, a tecnologia trata o mundo como uma fonte interminável de recursos naturais; se não há limites para a exploração, também não há necessidade de impor limites à própria técnica. Esse poder de primeiro grau "transformou-se em um poder de segundo grau que foge a todo controle do seu usuário" (2006, p. 237). O ser humano já não consegue impor limites, pois, como afirma o próprio Jonas, "o próprio homem passou a figurar entre os objetos da técnica" (2006, p. 57). Esse deslocamento representa um problema: quando o ser humano perde a referência de si mesmo, também perde a capacidade de estabelecer limites. Por fim, Jonas apresenta um poder de terceiro grau, "capaz de autolimitar a dominação que arrasta o condutor, antes que este se estraçalhe de encontro aos limites da

[2] Logo nas primeiras páginas de *O princípio responsabilidade*, Jonas demonstra como o exercício ilimitado da tecnologia influenciou o modo de pensar do ser humano: "superando-se sempre a si mesmo, rumo a feitos cada vez maiores. A conquista de um domínio total sobre as coisas e sobre o próprio homem surgiria como a realização do seu destino" (Jonas, 2006, p. 43).

[3] A cura da morte é apenas um dos diversos projetos utópicos da tecnologia, como, por exemplo, a fusão de seres humanos com máquinas. A tecnologia se debruça sobre aquilo que compreende como incompleto ou como uma falha. Nesse sentido, a morte é tratada como um defeito, em vez de um processo natural da vida. Jonas destaca que "hoje, porém, certos progressos na biologia celular nos acenam com a perspectiva de atuar sobre os processos bioquímicos de envelhecimento, ampliando a duração da vida humana, talvez indefinidamente. A morte não parece mais ser uma necessidade pertinente à natureza do vivente, mas uma falha orgânica evitável; suscetível, pelo menos, de ser em princípio tratável e adiável por longo tempo" (2006, p. 58).

natureza" (Jonas, 2006, p. 237). Trata-se da tentativa do ser humano de retomar o controle sobre a tecnologia antes que sua força destrutiva se torne irreversível e, para isso, precisa da ética.

O poder de terceiro grau apresentado por Jonas deve surgir, primeiramente, "da própria sociedade, pois não há perspectiva, responsabilidade ou medo privado que esteja à altura dessa missão" (2006, p. 237). O ser humano, de modo geral, perceberá a necessidade de mudar sua forma de se relacionar com o mundo. A proposta da responsabilidade em Jonas "é atualmente a tradução da necessidade de amadurecimento e despertar para uma nova consciência dos impasses e dilemas do habitar humano no mundo" (Giacoia Jr., 2019, p. 217).

Em nossa avaliação, o avanço desmedido da técnica moderna ocorre em razão do sistema capitalista, que sustenta uma política liberal e amplia, cada vez mais, a corrida tecnológica. Portanto, o capitalismo fornece e fortalece continuamente o impulso[4] da tecnologia para que esta prossiga de forma ininterrupta. Jonas afirma que "cada inovação técnica está segura de difundir-se com rapidez pela comunidade tecnológica" (2013, p. 30). Além disso, "a difusão tecnológica se produz, com escassa diferença temporal, tanto no plano do conhecimento como no da apropriação prática", e isso ocorre, consequentemente, devido à "pressão da concorrência" (Jonas, 2013, p. 30). Contudo, entendemos que a tecnologia se apresenta como uma expressão do capitalismo. Para que seja possível impor limites ao avanço tecnológico, é necessário também impor restrições ou mesmo alterar o modelo econômico vigente: "o modelo político democrático-liberal, tal como se encontra estabelecido atualmente, é incompatível com a prática de uma ética de pretensões futuristas, pois torna mais difícil impor medidas opostas aos desejos da maioria" (Almeida; Carvalho, 2019, p. 139).

Jonas participou de algumas entrevistas durante os anos de 1980, e algumas delas foram reunidas em um livro intitulado *Dem bösen Ende näher: Gespräche über das Verhältnis des Menschen zur Natur* [*Mais próximo de um péssimo fim: discussões sobre a relação entre o homem e a natureza*] (1993). Nessa obra, podemos encontrar diversas opiniões de Jonas sobre a ética, natureza, política, crise ambiental e da técnica. Em uma dessas entrevistas, localizada no capítulo 7, *Ohne Opferbereitschaft gibt es wenig Hoffnung*,[5] o entrevistador o questiona: "esse sistema é, afinal, reformável a partir de si mesmo? O princípio econômico e técnico do desempenho não conduz a uma exploração cada vez maior do planeta?" (1993, p. 80).[6] Jonas

[4] Jonas recorre com frequência ao termo impulso para caracterizar o desenvolvimento técnico na modernidade: seja na compulsividade de inovar apenas pela própria necessidade de inovar, seja na transformação do ser humano em instrumento para sustentar a vontade contínua de progresso. Como afirma o filósofo, "a *techne* transformou-se em um infinito impulso da espécie para adiante, seu empreendimento mais significativo" (2006, p. 43).
[5] A tradução: Sem disposição ao sacrifício, há pouca esperança.
[6] As traduções encontradas ao longo deste artigo são de minha própria responsabilidade.

responde que "sim, uma tal dinâmica está em operação. Se esse desenvolvimento for abandonado a si mesmo, a regulação virá apenas por meio de catástrofes" (Jonas, 1993, p. 80). Entendemos que, no sistema capitalista, não são permitidas pausas ou renúncias em prol de algo maior. Um exemplo disso foi a pandemia do Coronavírus, durante a qual diversas vidas foram ceifadas, devido ao fato de muitas pessoas não poderem permanecer em casa em razão de seus trabalhos e de diversos outros fatores econômicos. Logo após sua resposta anterior, Jonas é questionado novamente: "isso significa que não devemos fazer tudo aquilo que somos capazes de fazer?" (1993, p. 80), e Jonas responde que "sim. E também nosso apetite pelo consumo não pode continuar a crescer incessantemente como até agora. Teremos de nos tornar um pouco mais modestos em nosso padrão de vida. Sem disposição ao sacrifício, há pouca esperança" (1993, p. 80).

Como alternativa, Jonas identifica no marxismo a possibilidade de este representar um poder de terceiro grau, capaz de aplicar, na prática, limites ao avanço da tecnologia. A esse respeito, Jonas afirma:

> nosso olhar se dirige ao marxismo, porque lhe é peculiar a orientação em direção ao futuro do empreendimento humano como um todo (pois ele fala de uma "revolução mundial"), em nome do qual ele ousa pedir todos os sacrifícios ao presente; onde reina, é capaz de impô-lo (2006, p. 237).

Para Jonas, a revolução mundial projetada pelo marxismo serviria como base para três elementos da sociedade. O primeiro, consiste na necessidade de uma revolução no modo de vida do ser humano moderno, orientada para um modelo mais frugal. O segundo, refere-se ao campo da política, onde é preciso uma transformação que garanta não apenas a vida humana, mas também a extra-humana, possibilitando que ambas existam com dignidade e qualidade. O terceiro situa-se no âmbito da tecnologia: uma revolução tecnológica deveria resgatar sua essência original, isto é, colocá-la a serviço do ser humano, como Jonas afirma logo nas primeiras páginas de *Technik, Medizin und Ethik: Praxis des Prinzips Verantwortung* [*Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade*] (1987): o "uso de ferramentas e dispositivos artificiais para o negócio da vida" (2013, p. 27).

A proposta de Marx e Engels de apresentar o marxismo como elemento capaz de unir a classe proletária para discutir e debater seus interesses e necessidades merece atenção especial. Na modernidade, o capitalismo trata o ser humano como uma peça descartável, cuja máxima é particularmente preocupante: ninguém é insubstituível. Por outro lado, o marxismo adota como

princípio a "obrigatoriedade do trabalho para todos", tal como os autores pontuam em o *Manifesto do partido comunista* (Engels; Marx, 2015, p. 88).

Esse é um ponto importante destacado por Jonas. O filósofo afirma que "o planejamento centralizado de acordo com as necessidades coletivas pode evitar os grandes desperdícios da lógica da competição, bem como os disparates de uma produção de mercado que visa seduzir o consumidor" (2006, p. 242). Ora, visto dessa perspectiva, isso pode representar um ponto de partida para o enfrentamento da crise ambiental que o planeta, lamentavelmente, atravessa desde as últimas décadas aos tempos atuais.

Ora, se o nível de consumo exacerbado diminuísse, a exploração dos recursos naturais também seria reduzida. Nesse cenário, "o planejamento seria capaz de garantir o bem-estar material, além de economizar os recursos naturais" (Jonas, 2006, p. 242). Entretanto, o ritmo imposto pelo capitalismo não permite economizar, pois tal prática não faz parte de sua lógica. O objetivo do descontrolado exercício de exploração dos recursos naturais é unicamente o lucro. Assim, "como o desperdício é um dos sofrimentos que nos acometem hoje, a economia e a ordem sociais sem interesses lucrativos parecem ser mais vantajosas nesse aspecto" (Jonas, 2006, p. 242). Vejamos a seguir:

> na medida em que ninguém denunciou tanto quanto Marx a lógica capitalista de produção pela produção, a acumulação de capital, de riquezas e de mercadorias como fim em si. A ideia mesma de socialismo – ao contrário de suas miseráveis contrafações burocráticas – é a de uma produção de valores de uso, de bens necessários à satisfação das necessidades humanas. O objetivo supremo do progresso técnico para Marx não é o crescimento infinito de bens ("o ter") mas a redução da jornada de trabalho e o crescimento do tempo livre ("o ser") (Löwy, 2014, p. 25).

Dessa forma, para Jonas, o marxismo apresenta certa vantagem em relação ao capitalismo, pois estaria mais "adequado ao empreendimento de uma ética da responsabilidade, no que tange à subordinação das vantagens do presente aos imperativos de longo prazo do futuro" (Almeida; Carvalho, 2019, p. 140). No marxismo, não haveria tantas dificuldades para a prática da ética da responsabilidade como ocorre no capitalismo, em razão de seu olhar mais humanitário para com o próximo e para o bem comum, ao contrário de um sistema que prioriza exclusivamente o lucro em detrimento das pessoas e o egoísmo em vez da solidariedade.

Desse modo, o marxismo apresenta-se como mais vantajoso diante do desafio da crise ambiental, na medida em que os modos de vida mais frugais, orientados pelos sacrifícios individuais que serão, segundo o filósofo, cada vez mais necessários no futuro, teriam mais facilidade em serem praticados, ao contrário do que ocorre no capitalismo. "No que se refere

ao fornecimento de bens, o capitalismo se mostrou até hoje o mais capaz, embora ao custo de um desperdício que está se tornando inaceitável" (Jonas, 2006, p. 242).

No capitalismo, seria mais difícil promover mudanças de hábitos saudáveis em relação ao meio ambiente, pois aprendemos a consumir desde muito cedo. Nosso pensamento e nosso modelo de vida estão voltados para o consumo: somos preparados para produzir e consumir e, assim, também "somos tentados a crer que a vocação dos homens se encontra no contínuo progresso desse empreendimento" (Jonas, 2006, p. 43). No entanto, uma possível crise humanitária não é devidamente considerada.

Marxismo como expressão do projeto baconiano

No segundo capítulo de sua obra *Memorias* (2005), intitulado *Dreams of glory: el camino al sionismo*, Jonas traz à lembrança seu tio Leo logo nas primeiras páginas: "de modo que pude aprender muito com meu tio Leo. Apenas uma coisa não aprendi com ele: seu ceticismo em relação às ideologias. Pelo contrário, uma ideologia me cativou desde cedo, e não a socialista nem a marxista, mas nada menos que a sionista" (2005, p. 60). Ainda nesse capítulo, Jonas afirma que a "fase sionista começou, o mais tardar, após a Primeira Guerra Mundial, durante meu último ano escolar, muito a contragosto de meus pais. Eu era, do ponto de vista de meu primo de Lechenich, o único sionista da família" (2005, p. 61). Jonas também afirma que, ainda nesse período, "após a Proclamação da República Alemã, numa época em que as opiniões dos judeus em geral se dividiam entre a direita e a esquerda, teria sido perfeitamente normal que eu tivesse descoberto e adotado o marxismo" (2005, p. 61). É evidente que as propostas de Marx e Engels influenciaram fortemente o pensamento nesse período. Jonas destaca que "o socialismo teve uma extraordinária capacidade de atração, tanto moral como intelectual, sobre muitos dos integrantes da minha geração" (2005, p. 74).

Embora Jonas vislumbre tal vantagem, o filósofo, entretanto, não deixa de notar os problemas que persistem no marxismo. O objetivo do marxismo consiste na "formação do proletariado em classe, derrubada do domínio da burguesia e conquista do poder político pelo proletariado" (Engels; Marx, 2015, p. 78). O que chama a atenção, contudo, é que o marxismo, caso assumisse o poder e o centralizasse por meio do Estado, poderia adotar comportamentos semelhantes aos do próprio capitalismo. Jonas observa que o marxismo, também se apoia no

projeto baconiano[7]: "pode-se dizer que o marxismo pretende colocar os frutos da herança baconiana à disposição da humanidade, realizando a promessa original de um gênero humano superior" (Jonas, 2006, p. 239). Desse modo, o marxismo não se mostra tão distinto do capitalismo, pois partilha da mesma vontade de tomar o poder e de utilizar a tecnologia como principal meio para o desenvolvimento do ser humano.

O objetivo do marxismo em conquistar o poder político e desenvolver seu programa de extensão do domínio da técnica também se revela como um ideal presente no projeto baconiano, como demonstram algumas medidas propostas para os países mais desenvolvidos. Marx e Engels sugerem uma "ampliação das fábricas e dos instrumentos de produção de propriedade do Estado, cultivo de terras improdutivas e aperfeiçoamento do solo de acordo com um plano comunitário" (Engels; Marx, 2015, p. 88).

Enquanto no capitalismo apenas algumas classes têm acesso aos frutos da técnica, no marxismo a proposta é que todos possam participar e usufruir daquilo que produzem. Para Jonas, "o marxismo é uma escatologia ativa, da qual tanto a previsão quanto a vontade são elementos eqüitativos, e cuja busca se impõe como um dever irrecusável, posta inteiramente sob o signo da esperança" (2006, p. 239). Dessa forma, compreendemos que haveria uma sociedade ainda mais mecanizada[8] do que a que já temos atualmente. Jonas confirma que essa é, de fato, uma característica do marxismo: "em todas as partes onde o socialismo conquistou o poder, acelerar a industrialização foi a marca da sua política efetiva e resoluta" (2006, p. 241).

Desse modo, o projeto baconiano que se expressa no marxismo buscaria preparar e formar uma classe direcionada para a industrialização desde a infância, período em que a criança ou o adolescente está em pleno desenvolvimento e construindo diversas experiências.

[7] Eis o projeto apresentado por Bacon: "prolongar a vida. Restituir a juventude. Retardar a juventude. Curar as doenças consideradas incuráveis. Diminuir a dor. Purgantes menos repugnantes. Aumentar a força e a atividade. Aumentar a capacidade de suportar a tortura ou a dor. Transformar a constituição (metabolismo). Transformar a estatura. Transformar os traços. Aumentar e elevar o cerebral. Metamorfose de um corpo em outro. Fabricar novas espécies. Transplantar uma espécie em outra. Instrumentos de destruição, como os de guerra e venenos. Tomar os espíritos alegres e colocá-los em boa disposição. Poder da imaginação sobre o corpo, ou sobre o corpo de outrem. Acelerar o tempo, no que diz respeito às maturações. Acelerar o tempo, no que diz respeito às clarificações. Acelerar a putrefação. Acelerar o cozimento. Acelerar a germinação. Fabricar, para a terra, adubos ricos. Forças da atmosfera e nascimento das tempestades. Transformar substâncias ácidas e aquosas em substâncias gordurosas e untuosas. Produzir alimentos novos a partir de substâncias que atualmente não são utilizadas. Fabricar novos tipos de fios para o vestuário; e novos materiais, além do papel, do vidro etc. predições naturais. Ilusões dos sentidos. Maiores prazeres para os sentidos. Minerais artificiais e cimentos" (Bacon *apud* Oliveira, 2002, p. 216).

[8] Jonas afirma que a tecnologia contribuiu para a mecanização do próprio ser humano. O filósofo observa que "estamos cada vez mais 'mecanizados' em nossas atividades e entretenimentos cotidianos, e cada vez se acrescentam mais coisas novas, enquanto a escassez de energia não imponha freios ao processo" (2013, p. 45). Esse processo de mecanização evidencia que o ser humano se torna progressivamente mais dependente da tecnologia, perdendo autonomia até mesmo nos aspectos mais simples do cotidiano.

A educação, nesse caso, teria como objetivo contribuir para que esse desenvolvimento se mantenha em movimento. No entanto, uma proposta de educação combinada com a produção industrial poderia comprometer esse processo. Seria, portanto, o marxismo um sistema que interrompe o desenvolvimento na infância e a própria educação?

Além de propor a combinação entre educação e produção industrial, o marxismo também defende a integração entre agricultura e indústria. Vejamos: "associação da agricultura com a indústria [...] [teria] o objetivo de eliminar gradualmente a diferença entre cidade e campo para distribuir a população do país de uma forma mais igualitária" (Engels; Marx, 2015, p. 88).

Nas grandes metrópoles concentra-se a maior parte da população, sobretudo devido à presença das indústrias, o que gera maior demanda por habitação e infraestrutura. O marxismo, portanto, busca redistribuir parte da sociedade para o campo e, ao mesmo tempo, promover a industrialização das áreas rurais, de modo que o desenvolvimento não fique restrito apenas às capitais.

Fazer com que toda a sociedade tenha melhores condições de vida talvez fosse um meio para superar o próprio capitalismo, devido às desigualdades sociais que se destacam. Mesmo em períodos de crise, ou seja, em guerras, fome, crises ambientais, entre outros problemas, o capitalismo ainda consegue se manter. É muito difícil afirmar que, com tais projetos, o socialismo poderia superar o capitalismo. O objetivo do socialismo é que a burguesia não volte a ocupar uma posição única de poder, de modo que o Estado pudesse realizar uma política econômica mais eficiente e mais justa. Jonas afirma que "a lógica que comanda o projeto socialista é igualar e depois ultrapassar o capitalismo na coleta dos frutos obtidos graças à técnica" (2006, p. 241). O que justifica a ideia de que "nos países mais pobres, o socialismo seja visto como meio imprescindível para se atingir aquele prêmio nos moldes capitalistas" (Jonas, 2006, p. 241).

A origem dessa vontade de superar o capitalismo por meio da distribuição dos frutos obtidos através da técnica encontra-se em um sentimento de ressentimento presente no marxismo, especialmente nas classes que sempre foram oprimidas e que lutaram constantemente para sobreviver. Como afirmam Marx e Engels, "a história de toda sociedade até hoje tem sido a história das lutas de classes" (2015, p. 62). Isso significa que sempre existiram classes distintas e que, na maior parte das vezes, uma classe superior oprimiu a inferior. A observação de Marx e Engels em *Manifesto do partido comunista* confirma isso. Escrevem os autores:

> homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e artífice, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante antagonismo entre si, travaram uma luta ininterrupta, umas vezes oculta, outras aberta, uma luta que acabou sempre ou com uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou com o declínio comum das classes em luta (Engels; Marx, 2015, p. 62).

Com o advento do capitalismo, intensifica-se a opressão sobre os mais pobres: enquanto apenas alguns conseguem enriquecer, outros empobrecem ainda mais. Essa é uma característica estrutural do capitalismo, que não é capaz de proporcionar uma equiparação justa a todos que participam desse modelo econômico.

O capitalismo foi responsável por transformar as relações humanas em relações de interesse. Marx e Engels afirmam que "a burguesia rasgou o véu sentimental da família, reduzindo as relações familiares a meras relações monetárias" (2015, p. 66). Desse modo, as relações humanas vêm se tornando cada vez mais fragilizadas, em razão da busca incessante por poder ou por melhores condições de vida.

O capitalismo atribui um valor a todas as coisas, enquanto a vida humana precisa constantemente reafirmar o seu próprio valor por meio do quanto consome. Há, portanto, uma inversão de valores nesse sistema, em que os dispositivos tecnológicos passam a definir tais valores.

Os animais, por sua vez, enfrentam ainda maiores dificuldades, seus valores são definidos por critérios como a raça ou o grau de raridade. A vida, em si, só adquire valor quando pode oferecer algo em troca.

O capitalismo utiliza a tecnologia como meio para manter e expandir o poder. O mercado deve estar em permanente confronto para que a tecnologia sustente seu ininterrupto projeto de inovação. Assim, o sistema continua existindo, crescendo e gerando mais divisões dentro da sociedade. Como afirmam Marx e Engels, "a necessidade de um mercado em constante expansão para os seus produtos impele a burguesia a conquistar todo o globo terrestre. Tem de se fixar em toda parte, ramificar-se por toda parte, criar ligações em toda parte" (2015, p. 66).

Para que exista um mercado em constante expansão, é necessário que o consumismo acompanhe o mesmo nível de produção. A tecnologia cumpre essa função ao se ramificar em todas as direções. Jonas destaca que "cada novo passo em qualquer direção, em qualquer terreno novo da técnica não conduz a um ponto de equilíbrio ou de 'saturação'[9] na adequação dos meios

[9] No início de *Técnica, medicina e ética*, Jonas faz uma comparação entre a técnica do período pré-moderno, que ele denomina técnica pré-moderna, e a técnica do período moderno, que se apresenta como tecnologia. Jonas afirma que "as grandes culturas clássicas haviam alcançado, de forma relativamente rápida, um ponto de saturação

aos objetivos pré-fixados" (Jonas, 2013, p. 29). Ou seja, a tecnologia é responsável por forçar a criação de novas necessidades, enquanto a propaganda capitalista se encarrega de inseri-las na sociedade. Assim, "no lugar das velhas necessidades, satisfeitas pelos produtos do país, surgem necessidades novas que exigem para a sua satisfação os produtos dos países e dos climas mais longínquos" (Engels; Marx, 2015, p. 67).

Portanto, o marxismo, mesmo sendo "um herdeiro da revolução baconiana, compreendendo-se como seu testamenteiro" (Jonas, 2006, p. 241), não apresenta as mesmas características atribuídas ao capitalismo. Diferentemente deste, em que o fim do lucro significaria também o fim do próprio modelo econômico, o marxismo se mostra mais adequado e aparentemente mais preparado para enfrentar o desafio da crise ambiental. É necessário destacar, contudo, que "o marxismo é uma forma de progressismo, não se vendo como um programa emergencial, mas como um caminho para uma realização superior 'do homem'" (Jonas, 2006, p. 238).

A necessidade de uma atualização no marxismo: em vez da utopia, a realidade

Jonas afirma que, no marxismo (tal como acontece no capitalismo), existe uma espécie de "culto à técnica" (2006, p. 254), uma vez que ela seria capaz de promover a emancipação da classe explorada pela burguesia. Assim, "o marxismo celebrou o poder da técnica, acreditando que a salvação dependesse da união desta com a socialização" (Jonas, 2006, p. 254).

A técnica, portanto, é concebida como o principal meio de libertação diante das desigualdades provocadas pelo capitalismo. Desse modo, a tecnologia torna-se objeto de exaltação no marxismo, cujo objetivo não é "controlar a técnica, mas liberá-la dos grilhões da propriedade capitalista, pondo-a a serviço da felicidade humana" (Jonas, 2006, p. 254).

No marxismo, a tecnologia é concebida como um meio para alcançar a felicidade, pois seria capaz de romper com o capitalismo. O que chama a atenção nessa discussão é a capacidade da técnica de influenciar e alienar o indivíduo, resultando em uma interpretação artificial do mundo, que se projeta em "uma 'humanização' do mundo pelo trabalho humano que transforma a natureza" (Jonas, 2006, p. 254).

tecnológica – o '*optimum*' que antes mencionávamos, quanto ao equilíbrio de meios e habilidades com necessidades e objetivos reconhecidos" (Jonas, 2013, p. 28). Ou seja, trata-se de um ponto ideal de desenvolvimento técnico, em que se exige o mínimo para corresponder às necessidades mínimas.

Posto isso, no marxismo, a união entre trabalho e tecnologia "excede a visão liberal burguesa e a crença quase religiosa na onipotência da técnica em nos trazer o bem" (Jonas, 2006, p. 255), configurando-se como uma introdução ao que se entende por utopia no marxismo.

O poder dos meios de produção, quando comandados pelo proletariado e centralizados na força do Estado, gera um sentimento de esperança na utopia marxista. Essa utopia projeta um mundo regido pelo contínuo progresso tecnológico, no qual as desigualdades provocadas pelo capitalismo seriam superadas.

Eis o paradoxo apresentado pelo marxismo: ao mesmo tempo em que se mostra o mais promissor para o enfrentamento da crise ambiental, também pode ser aquele que mais a promove, devido à crença, partilhada com o capitalismo, no contínuo progresso tecnológico.

Jonas afirma que, no marxismo, prevalece a ideia de que "o homem é fundamentalmente 'bom'" (2006, p. 260). Essa concepção justifica a política de uma sociedade sem classes, pois tal organização possibilitaria oportunidades iguais para todos. O capitalismo aparece como o sistema que corrompe o ser humano e o torna mau. Como destaca Jonas, "apenas as circunstâncias podem torná-lo mau. Basta que sejam estabelecidas as circunstâncias apropriadas para que sua essência benévola se manifeste" (2006, p. 260).

Sendo assim, emerge a vontade de trazer esse ser humano não corrompido para a realidade, e é por meio da tecnologia que essa aspiração se intensifica. "Mas com o desenvolvimento da indústria o proletariado não apenas se multiplica; é reunido em grandes contingentes, sua força cresce, e ele a sente com maior intensidade" (Engels; Marx, 2015, p. 73). O pleno desenvolvimento industrial e tecnológico configura-se como um projeto voltado a preparar e alcançar esse ser humano do futuro.

Jonas chama a atenção para o fato de que a proposta de uma sociedade sem classes "é a essência da 'utopia' marxista" (2006, p. 260), e isso implicaria o desenvolvimento e o avanço tecnológico. A capacidade atribuída ao marxismo de alcançar um sistema econômico capaz de eliminar todas as divisões sociais é, sem dúvida, algo utópico, já que, ao longo da história, a principal característica das sociedades tem sido justamente a existência de classes. Ainda assim, "supõe-se *ex hypothesi* que a sociedade sem classes seja superior às anteriores, trazendo à luz pela primeira vez o verdadeiro potencial do homem" (Jonas, 2006, p. 261).

A proposta de revelar o verdadeiro potencial do ser humano, em conjunto com uma sociedade sem classes, é utópica, pois, primeiramente, não é possível desvincular esse ser humano da tecnologia. Assim, não se trataria de um ser humano "natural", mas de um indivíduo moldado pela tecnologia. Além disso, como observa Jonas:

> mesmo uma redistribuição implacável da riqueza global já existente e da capacidade produtiva que a gera (o que não ocorreria pacificamente) não seria suficiente para elevar o nível de vida das regiões mais pobres do planeta até o ponto necessário para eliminar a miséria (Jonas, 2006, p. 265).

Nesse sentido, a utopia fundada no avanço tecnológico presente no marxismo configura-se como um problema central a ser superado, pois idealiza um mundo ilimitado de reservas naturais. Assim, "a magia da utopia só poderá ser um obstáculo para aquilo que necessita ser feito, pois ela aponta para o 'mais', em vez de para o 'menos'" (Jonas, 2006, p. 265). Diante da situação atual do planeta, o marxismo não seria suficiente, já que, em vez de controlar a crise, tenderia a alimentá-la e a intensificá-la por meio de uma busca contínua da utopia.

Eis um novo desafio da modernidade: além de impor limites ao contínuo progresso tecnológico, deparamo-nos com, "de um lado, aqueles que não querem abrir mão de suas benesses, do outro, aqueles que querem conquistá-las a todo custo" (Oliveira, 2023, p. 155). Fazer com que ambas as classes compreendam os perigos iminentes, que crescem a cada momento, é uma preocupação da ética. Nesse contexto, a filosofia deve se ocupar de criticar a ideia de progresso vinculada à tecnologia, que orienta a sociedade mundial, pois "é uma crítica da própria ideia de Progresso[10] que orienta esse tipo de estilo de vida considerado como o único possível" (Oliveira, 2023, p. 155).

Desse modo, compreendemos que há um espírito de esperança intrínseco ao marxismo; ou melhor, "é movido pelo princípio esperança que incita a população para ações em prol de um futuro distante" (Carvalho; Almeida, 2019, p. 141). Essa é a base de toda utopia: o presente sempre será apenas um período de preparação para o que está além, no futuro. Jonas afirma que "somente com o progresso moderno, como fato e ideia, surge a possibilidade de se considerar que todo o passado é uma etapa preparatória para o presente e de que todo o presente é uma etapa preparatória para o futuro" (Jonas, 2006, 55). Essa projeção no futuro é sustentada pelo

[10] Jonas afirma que "o 'progresso' não é um adorno ideológico da moderna tecnologia nem tampouco uma mera opção oferecida por ela, como algo que podemos exercer se queremos, mas um impulso incerto nela mesma, muito além de nossa vontade (ainda que a maioria das vezes em aliança com ela), repercute no automatismo formal de seu *modus operandi* e em sua oposição com a sociedade que o desfruta. 'Progresso' não é, nesse sentido, um conceito valorativo, mas puramente descritivo. Podemos lamentar seus feitos e detestar seus frutos e mesmo assim temos que avançar com ele, porque salvo no caso (sem dúvida possível) de que se autodestrua através de suas obras, o monstro avança dando à luz constantemente seus variados rebentos, respondendo cada vez às exigências e atrativos do agora. Mas ainda que não expresse um valor, 'progresso' tampouco é aqui uma expressão *neutra*, que possamos simplesmente substituir por 'mudança'. Porque forma parte da natureza do caso, como uma lei da série na qual cada estágio posterior é *superior* ao precedente conforme os critérios da própria técnica. Aqui se dá, pois, um caso de processo antientrópico (a evolução biológica é outro) no qual o movimento interior de um sistema, entregue a si mesmo e não perturbado desde o exterior, conduz normalmente a estados sempre 'superiores' e não 'inferiores' de si mesmos. Estes são, pelo menos, os fatos até o momento" (2013, p. 31).

contínuo progresso tecnológico, que "aponta sempre para um mais, para um melhor, pois possui como base as massas que nada têm" (Almeida; Carvalho, 2019, p. 141).

Assim, evidencia-se a necessidade de uma atualização no sistema proposto por Marx e Engels. Torna-se urgente que "seja substituída a promessa utópica (ou esperança altruísta) pela renúncia (ou medo altruísta)" (Almeida; Carvalho, 2019, p. 141). Afinal, o que está em discussão é o futuro da existência humana. Nesse sentido, "tal marxismo deveria reinterpretar sua proposta e aceitar que a imagem[11] ontológica humana seja possível" (Almeida; Carvalho, 2019, p. 141).

Em *O que é ecossocialismo?* (2014) Michael Löwy pretende apresentar uma perspectiva ecológica articulada ao socialismo, naquilo que ele chama de ecossocialismo. É pertinente destacar que "os temas ecológicos não ocupam um lugar central no dispositivo teórico marxiano" (2014, p. 21), uma vez que os debates que envolvem a crise ambiental se iniciaram a partir do século XX.

Como vimos, para Jonas, as propostas de Marx e Engels soam como um meio para alcançar uma recompensa, ou seja, superar o capitalismo para colher aquilo que o próprio capitalismo construiu, "partidários de um humanismo conquistador, 'prometeico', que opõe o homem à natureza, e que faz dele um mestre e o senhor do mundo natural" (Löwy, 2014, p. 22). A ideia de uma divisão entre o ser humano e a natureza no marxismo é encontrada diversas vezes, a partir de afirmações de que os indivíduos "pela primeira vez tornam-se os mestres reais e conscientes da natureza, porque e enquanto mestres de sua própria vida em sociedade" (Löwy, 2014, p. 22).

Para Löwy, "os termos 'supremacia' ou 'dominação' da natureza remetem com frequência, em Marx e Engels, simplesmente ao conhecimento das leis da natureza" (2014, p. 22), e não a uma interpretação de domínio absoluto da natureza. O pensador afirma também que "o que surpreende desde os primeiros escritos de Marx é seu naturalismo patente, sua visão do ser humano como ser natural, inseparável de seu ambiente natural" (2014, p. 22).

[11] No prefácio de *O princípio responsabilidade* (1979), Jonas ressalta a principal preocupação de sua obra magna: "somente então, com a antevisão da desfiguração do homem, chegamos ao conceito de homem a ser preservado. Só sabemos o que está em jogo quando sabemos que está em jogo. Como se trata não apenas do destino do homem, mas também da imagem do homem, não apenas de sobrevivência física, mas também da integridade de sua essência, a ética que deve preservar ambas precisa ir além da sagacidade e tornar-se uma ética do respeito" (2006, p. 21). O descontrole sobre a técnica é apontado como a principal razão da desfiguração do ser humano. Torna-se, portanto, cada vez mais urgente retomar o controle, a fim de evitar que um caminho sem retorno se concretize e acabe por retirar toda a dignidade e o respeito que devem ser preservados na condição humana.

Nesse sentido, Löwy busca apresentar elementos que sustentam que o socialismo não representa uma concepção antropocêntrica e indiferente aos limites da natureza. Ao contrário, o pensador busca evidenciar que o pensamento original de Marx e Engels já continha uma concepção naturalista, o que pode ser interpretado a partir de afirmações como: "dizer que a vida psíquica e intelectual do homem está indissoluvelmente ligada à natureza não significa outra coisa senão que a natureza está indissoluvelmente ligada com ela mesma, pois o homem é uma parte da natureza" (Marx, 1962 [*Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*], p. 62-87 *apud* Löwy, 2014, p. 22). Assim, revela-se que Marx não tinha como objetivo separar o ser humano da natureza nem conceber o ser humano como dominador da natureza.

Löwy afirma que, "certamente, Marx reivindica para si o humanismo, mas ele define o comunismo como um humanismo que é, ao mesmo tempo, um 'naturalismo acabado'; e, sobretudo, ele o concebe como a verdadeira solução para o 'antagonismo entre o homem e a natureza'" (2014, p. 23). Para Marx, a sua proposta não representa somente a emancipação da classe trabalhadora, mas representa também uma reconciliação entre o ser humano e a natureza, algo que foi abalado diretamente pelo capitalismo, e completa que, "graças à abolição positiva da propriedade privada, a sociedade humana se tornará 'a realização da unidade essencial do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo completo do homem e o humanismo completo da natureza'" (Löwy, 2014, p. 23).

Em diversos textos de Marx e Engels, é possível encontrar uma tentativa de aproximação entre o ser humano e a natureza. Para Engels, por exemplo, a proposta capitalista de completa exploração da natureza pode trazer diversas consequências. Ele afirma que "nós não devemos nos vangloriar demais das nossas vitórias humanas sobre a natureza. Para cada uma destas vitórias, a natureza se vinga de nós" (Engels, 1968 [*Dialética da natureza*], p. 180-81 *apud* Löwy, 2014, p. 23). Nesse trecho, é possível destacar uma aproximação com o pensamento de Jonas, dado que o descontrole tecnológico não representa um ponto de equilíbrio com a natureza. Engels afirma também que "é verdade que cada vitória nos dá, em primeira instância, os resultados esperados, mas em segunda e terceira instâncias ela tem efeitos diferentes, inesperados, que muito frequentemente anulam o primeiro" (Engels, 1968, p. 180-81 *apud* Löwy, 2014, p. 23).

Além disso, Engels apresenta diversas críticas que ainda se refletem nos dias atuais. Destacamos, por exemplo, o agronegócio, que, por meio do desmatamento e do uso intensivo de agrotóxicos, afeta negativamente o meio ambiente. O filósofo afirma que "as pessoas que, na Mesopotâmia, Grécia, Ásia Menor e alhures destruíram as florestas para obter terra

cultivável, nunca imaginaram que eliminando junto com as florestas os centros de coleta e as reservas de umidade lançaram as bases para o atual estado desolador desses países" (Engels, 1968, p. 180-81 *apud* Löwy, 2014, p. 23). Engels também destaca "quando os italianos dos Alpes cortaram as florestas de pinheiros da encosta sul, tão amadas na encosta norte, eles não tinham a menor ideia de que agindo assim, cortavam as raízes da indústria láctea da sua região" (Engels, 1968, p. 180-81 *apud* Löwy, 2014, p. 24) e, consequentemente, "previam menos ainda que pela sua prática eles privavam de água suas fontes montanhesas durante a maior parte do ano" (Engels, 1968, p. 180-81 *apud* Löwy, 2014, p. 24). Isso revela que Engels e Marx, além de se preocuparem com as questões econômicas, também estavam interessados nas consequências negativas da ação humana sobre a natureza, o que permite pensar em uma reinterpretação do socialismo em uma vertente também ecológica.

Por fim, entendemos que Jonas propõe uma reforma na proposta socialista: em vez de seguir com o projeto utópico de revelar a verdadeira identidade do ser humano, seria necessário substituí-lo pelo ideal de proteger o ser humano atual e a natureza dos perigos decorrentes do descontrole da tecnologia. Desse modo, "o sentido da crítica de Jonas ao marxismo não tem outra motivação que a análise de uma alternativa que parece, de antemão, a única viável" (Oliveira, 2023, p. 159).

O momento atual exige novos modos de vida. O marxismo, portanto, não corresponde ao que a situação demanda: é preciso menos, e não mais. Assim, a crítica jonasiana "tem como intenção fazer o que o marxismo mesmo deveria fazer: uma crítica interna do seu próprio ideal" (Oliveira, 2023, p. 155). Entendemos que, entre o socialismo e o capitalismo, o socialismo é o modelo mais adequado para o enfrentamento da crise ambiental, por ser mais flexível para agir por meio de sacrifícios em prol do bem comum.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar as ideias centrais do sistema político-econômico marxista, estabelecer uma breve comparação com o capitalismo e examinar a compreensão do filósofo Hans Jonas acerca da política marxista diante do desafio da crise ambiental, intensificada pelo contínuo progresso tecnológico, inclusive defendido pelo próprio marxismo.

Sendo assim, como vimos, tanto no marxismo quanto no capitalismo, a tecnologia se apresenta como uma ameaça constante. Em nenhum dos dois sistemas há estimativas de

imposição de limites; ao contrário, a tecnologia tende a impor seu próprio ritmo, desvinculando-se das reais necessidades enfrentadas pelo ser humano.

Compreendemos que o marxismo, em comparação com o capitalismo, mostra-se mais preparado para enfrentar o desafio da crise ambiental, ainda que seja uma expressão do projeto baconiano. Jonas destaca alguns pontos fortes, como o fato de adotar uma política que não tem no lucro o seu principal objetivo. Ainda assim, o filósofo afirma que o comunismo precisa ser reinterpretado, ou seja, é necessária uma revisão de seus próprios objetivos, mediante a ameaça de uma crise ambiental global. Isto é, deve abandonar a utopia da esperança em favor de uma política voltada ao cuidado com o planeta e com a vida humana e extra-humana.

Diante do cenário atual, torna-se necessária a ampliação das discussões sobre a crise ambiental, sobre novos modelos políticos e sobre modos de vida orientados à preservação do planeta. A reflexão desenvolvida nesta pesquisa buscou contribuir para o fortalecimento do debate filosófico, ético e político diante dos desafios impostos pela modernidade tecnológica.

Torna-se extremamente importante repensar a ideia de progresso alimentada pela intensa corrida tecnológica, que acabou transformando o ser humano em objeto desse empreendimento. A proposta da filosofia de Hans Jonas busca preparar a humanidade para os desafios presentes e futuros, indicando quais ações se tornam urgentes diante da crise que se intensifica. A ética da responsabilidade evidencia a necessidade de assumirmos as consequências de nossas próprias ações, ou seja, "conservar este mundo físico de modo que as condições para uma tal presença permaneçam intactas; e isso significa proteger a sua vulnerabilidade diante de uma ameaça dessas condições" (Jonas, 2006, p. 45).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lenise; CARVALHO, Helder. Marxismo. *In*: OLIVEIRA, Jelson; POMMIER, Eric (org.). *Vocabulário Hans Jonas*. Vol. 1. Caxias do Sul: EDUCS, 2019, p. 139-44.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto do partido comunista*. Trad., pref. e notas Edmilson Costa. 3ª ed. São Paulo: Edipro, 2015. (Clássicos Edipro)

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Responsabilidade. *In*: OLIVEIRA, Jelson; POMMIER, Eric (org.). *Vocabulário Hans Jonas*. Vol. 1. Caxias do Sul: EDUCS, 2019, p. 215-29.

JONAS, Hans. *Dem bösen Ende näher*: Gespräche über das Verhältnis des Menschen zur Natur. Ed. Wolfgang Schneider. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993.

JONAS, Hans. *Memorias*. Trad. Illana Giner Comín. Madri: Losada, 2005.

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade*: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Trad. Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

JONAS, Hans. *Técnica, medicina e ética*: sobre a prática do princípio responsabilidade. Trad. Grupo de Trabalho Hans Jonas da ANPOF. São Paulo: Paulus, 2013. (Ethos)

LÖWY, Michael. *O que é ecossocialismo?* 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2014. (Questões da nossa época, vol. 54).

OLIVEIRA, Bernardo. *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

OLIVEIRA, Jelson. *Moeda sem efígie*: a crítica de Hans Jonas à ilusão do progresso. Curitiba: Kotter, 2023.

OLIVEIRA, Jelson; POMMIER, Eric (org.). *Vocabulário Hans Jonas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2019.

SOUZA, Grégori *et al. Frágil equilíbrio*: justiça climática e responsabilidade ambiental. Caxias do Sul: EDUCS, 2025.